

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental**. Tradução Silvino José Assmann. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**. Tradução Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

ANZIEU, Didier. El cuerpo y el código en los cuentos de Jorge Luis Borges. In: **Jorge Luis Borges**. Buenos Aires: Editorial Freeland, 1978. p.33-72.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Eudoro de Souza. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

_____. **Retórica**. Introdução e Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. São Paulo: Pontes Editores, 2005.

BLANCO, Mercedes. **Borges y la metáfora**. 2000. **Variaciones Borges 9**. *Academic OneFile*. **Net**. Disponível em: <<http://www.borges.pitt.edu/documents/0901.pdf>> Acesso em: 9 maio 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada** – nova versão internacional. Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas de Jorge Luis Borges** (v.1 e v.2). São Paulo: Globo, 1999a.

_____. **Borges em diálogo: conversas de Borges com Osvaldo Ferrari**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.

_____. **El idioma de los argentinos**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

_____. Entrevista concedida a Keamey. **Net**. Buenos Aires, 1981. Disponível em: <<http://sololiteratura.com/bor/borheaney.htm>>

_____. **Inquisiciones**. Buenos Aires: Seix Barral, 1993.

_____. Magia Pura. **Net**. Conferência de Jorge Luis Borges em 1982. Disponível em: <<http://www.sololiteratura.com/bor/bormagiapura.htm>>. Acesso em: 11 maio 2010.

_____. Mi prosa. **Net**. Conferência de Jorge Luis Borges em 1973. Disponível em: <<http://www.sololiteratura.com/bor/bormiprosas.htm>> Acesso em: 4 maio 2010.

_____. **Nove ensaios dantescos**. Tradução Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

_____. **Sobre a filosofia e outros diálogos**. Tradução John Lionel O'Kuinghttons Rodríguez. São Paulo: Hedra, 2009.

BORGES, Jorge Luis; VÁZQUEZ, Maria Esther. **Literaturas Germánicas medievales**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999b.

BRION, Marcel. Mascaras, espejos, mentiras y laberinto. In: **Jorge Luis Borges**. Buenos Aires: Editorial Freeland, 1978. p.105-123.

DERRIDA, Jacques. A mitologia branca: a metáfora no texto filosófico. In: **Margens da Filosofia**. São Paulo: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (v.1)**. Tradução Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa – Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (v. 4)**. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

ECO, Umberto. "Metáfora". In: Eco, U. et alii. *Signo – Enciclopédia Einaudi 31*. Lisboa: Casa da Moeda, 1994. p 200-245.

FENOLLOSA, Ernest. Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a poesia. In: CAMPOS, Haroldo de (Org.): **Ideograma- Lógica, poesia e linguagem**. São Paulo: Edusp, 2000.

FOSTER, Hal. "El artista como etnógrafo". In: **El retorno de lo real**. Tradução Alfredo Brotons Muñoz. Madrid: Ed. Akal, 2001. p.175-208.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu – Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos**. (1913[1912-13]). [*Totem und Tabu (Viena, 1913, G.S.,10,3; G.W., 9.)*]. Rio de Janeiro, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol.XIII, 1950.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GAMERRO, Carlos. Borges y los anglosajones. 2009. *Variaciones Borges 28. Academic OneFile. Net*. Disponível em: <http://find.galegroup.com/gtx> Acesso em: 11 set. 2010.

GIORDANO, Alberto. **Modelo del ensayo: de Borges a Piglia**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2005.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana**. Tradução Carmen González Marín. Madrid: 2009. [1986].

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARTINS, Helena Franco. O Chapéu de Beckett. In: **Gragoatá** no 26. Niterói: EdUFF, 2009. p.135-155.

MOOSBURGER, Théo de Borba. **Três sagas islandesas** (anônimo do Séc.XIII). Tradução e posfácio de Théo de Borba Moosburger. Curitiba: Ed. UFPR, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral. In: **O livro do filósofo**. São Paulo: Centauro, 2001 [1873]. p.64-78.

PASTORMERLO, Sergio. **Borges crítico**. 1ª.ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

REST, Jaime. **El laberinto del universo: Borges y el pensamiento nominalista**. Buenos Aires: Ediciones Librerías Fausto, 1976.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Tradução Joaquim Torres Costa e Antonio Magalhães. Portugal: Rês, 1978.

SARLO, Beatriz. **Borges, un escritor en las orillas**. Buenos Aires: Seix Barral, 2003.

_____. ¿Cómo Borges fue Borges? Borges Studio Online. 1996. Disponível em: <<http://www.borges.pitt.edu/bsol/bscb.php>> Acesso em: 11abr. 2010.

SNELL, Bruno. **A descoberta do espírito**. Tradução Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1975.

TORO, Alfonso de. *Borges/Derrida/Foucault: Pharmakeus/Heterotopia o más allá de la Literatura ('Hors-Littérature'):Escritura, Fantasmas, Simulacros, Máscaras, Carnaval, y ... Atlön/Tlön, Ykva/Uqbar, Hlaer, Jangr, Hrön(N)/Hrönir, Ur y otras cifras*. **Net**. 1998. p.139-164. Disponível em: <<http://sololiteratura.com/bor/borderrida.htm>>. Acesso em: 12 julh. 2010.

VAX, Louis. Borges filósofo. In: **Jorge Luis Borges**. Buenos Aires: Editorial Freeland, 1978. p.97-104.

VICO, Giambattista. **A ciência nova**. Tradução, prefácio e notas de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 1999. [1744].

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem** – e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

_____. O chocalho do xamã é um acelerador de partículas. In: **Encontros**. [Org.: Renato Sztutman]. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2008. p.26-49.

_____. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos tempos. In: **Encontros**. [Org.: Renato Sztutman]. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2008. p.116-129.

_____. No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é. In: **Encontros**. [Org.: Renato Sztutman]. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2008. p.132-161.

AS KENNINGAR

Uma das mais frias aberrações que as histórias literárias registram são as menções enigmáticas ou *kenningar* da poesia da Islândia. Propagaram-se até o ano 100, época em que os *thulir* ou rapsodos repetidores anônimos foram destituídos pelos *escaldos*, poetas de intenção pessoal. É comum atribuí-las à decadência; mas essa sentença deprimente, válida ou não, corresponde a solucionar o problema, não a apresentá-lo. Basta-nos reconhecer, por enquanto, que foram o primeiro prazer verbal deliberado de uma literatura instintiva.

Começo pelo mais insidioso dos exemplos: um verso dos muitos intercalados na Saga de Grettir.

*O herói matou o filho de Mak;
Houve tempestade de espadas e alimento de corvos.*

Em linha tão ilustre, a adequada contraposição das duas metáforas – uma tumultuosa, outra cruel e contida – engana com vantagem o leitor, deixando-o supor que se trata apenas de forte intuição de um combate e do que restou. É outra a *desairada* (desprezada; Humilhada) verdade. *Alimento de corvos* – confessemos-lo de uma vez – é um dos preestabelecidos sinônimos de *cadáver*, assim como *tempestade de espadas* o é de *batalha*. Essas equivalências eram precisamente as *kenningar*. Conservá-las e aplicá-las sem repetição era o ansioso ideal desses primitivos homens de letras. Bastante numerosas, permitiam salvar as dificuldades de uma métrica rígida, que exigia muita aliteração e rima interna. Pode-se observar seu emprego livre, incoerente, nestas linhas:

*O aniquilados da prole dos gigantes
Quebrou o forte bisão da pradaria da gaivota.
Assim os deuses, enquanto o guardião do sino se lamentava,
Destroçaram o falcão da margem.
De pouco valeu o rei dos gregos
Ao cavalo que corre por recifes.*

O aniquilados das crias dos gigantes é o ruivo Thor. O guardião do sino é um ministro da nova fé, segundo seu atributo. O rei dos gregos é Jesus Cristo, pela vaga razão de ser esse um dos nomes do imperador de Constantinopla e de Jesus Cristo não lhe ser inferior. O bisão da pradaria da gaivota, o falcão da margem e o cavalo que corre por recifes não são três animais anômalos, mas uma só nave maltratada. Dessas penosas equações sintáticas a primeira é de segundo grau, uma vez que a pradaria da gaivota já é um nome do mar... Desatados esses nós parciais, deixo ao leitor a elucidação total das linhas, certamente um pouco *décevante*. A saga de Njal as coloca na boca plutônica de Steinvora, mãe de Ref o

Skald, que narra, logo após, em lúcida prosa, como o terrível Thor quis lutar com Jesus, e este não se animou. Niedner, o germanista, venera o "humano-contraditório" dessas figuras e as propõe ao interesse "de nossa moderna poesia, ansiosa por valores de realidade".

Outro exemplo, uns versos de Egil Skalagrimsson:

*Os que tingem os dentes do lobo
Esbanjaram a carne do cisne vermelho.
O falcão do orvalho da espada
Alimentou-se de heróis na planície.
Serpentes da lua dos piratas
Cumpriram a vontade dos Ferros.*

Versos como o terceiro e o quinto proporcionam satisfação quase orgânica. O que procuram transmitir é indiferente, o que sugerem é nulo. Não convidam a sonhar, não provocam imagens ou paixões; não são ponto de partida, são conclusões. O prazer – o suficiente e mínimo prazer – está em sua variedade, no contato heterogêneo de suas palavras⁵³. É possível que os inventores entendessem assim e que sua condição de símbolos fosse mero suborno a inteligência. Os Ferros são os deuses; a lua dos piratas, o escudo; sua serpente, a lança; orvalho da espada, o sangue; seu falcão, o corvo; cisne vermelho, todo pássaro ensangüentado; carne do cisne vermelho, os mortos; os que tingem os dentes do lobo, os guerreiros afortunados. A reflexão repudia essas conversões. *Lua dos piratas* não é a definição mais precisa que o escudo exige. Isso é indiscutível, mas não o é menos o fato de lua dos piratas ser uma fórmula que não se deixa substituir por escudo, sem perda total. Reduzir cada *kenning* a uma palavra não é esclarecer incógnitas: é anular o poema. Baltasar Gracián y Morales, da Companhia de Jesus, tem em seu desfavor algumas laboriosas perífrases, de mecanismo semelhante ou idêntico ao das *kenningar*. O tema era o verão ou a aurora. Em vez de propô-las diretamente, ele as foi justificando e coordenando com receio condenável. Eis aqui o produto melancólico desse esforço:

*Depois que no celeste Anfiteatro
O ginete do dia
Sobre Flegetonte toureou valente
O luminoso Touro
Vibrando como agulhões raios de ouro,
Aplaudindo suas sortes*

¹ Busco o equivalente clássico desse prazer, o equivalente que nem o mais incorruptível de meus leitores vai querer invalidar. Deparo com o insigne soneto de Quevedo ao duque de Osuna, "*horrendo em galeras e naves e infantaria armada*". É fácil comprovar que em tal soneto a esplêndida eficácia do dístico

*Sua Tumba são de Flandes as Campanhas
E seu Epitáfio a sangrenta Lua*

é anterior a toda interpretação e não depende dela. Digo o mesmo da expressão subsequente: *o pranto militar*, cujo "sentido" não é discutível, mas sim trivial: *o pranto dos militares*. Quanto à sangrenta Lua, melhor é ignorar que se trata do símbolo dos turcos, eclipsado por não sei que piratarías de Pedro Téllez Girón.

*D belo espetáculo de Estrelas
 - Turba de damas belas
 Que a gozar de seu talhe, alegre mora
 No alto das sacadas da Aurora – ;
 Depois que em singular metamorfose
 Com calcanhares de pena
 E com crista de fogo
 À grande multidão de astros luminosos
 (Galinhas dos campos celestiais)
 Presidiu Galo o boquirroto Febo
 Entre os frangos do tindário Ovo,
 Pois a grande Leda por traição divina
 Se incubou choca, concebeu galinha...*

O frenesi taurino-galináceo do reverendo Padre não é o maior pecado de sua rapsódia. Pior é o aparato lógico: a aposição de cada substantivo e de sua metáfora atroz, a defesa impossível dos disparates. A passagem de Egil Sklagrimsson é um problema, ou ao menos uma adivinhação; a do inverossímil espanhol, uma miscelânea. O espantoso é que Gracián era bom prosador; escritor infinitamente capaz de artifícios hábeis. Testemunho disso é o desenvolvimento desta frase, que é de sua lavra: "*Pequeno corpo de Crisólogo, encerra espírito gigante; breve panegírico de Plínio se mede com a eternidade*".

O caráter funcional predomina nas *kenningar*. Definem os objetos menos por sua figura que por seu uso. Costumam dar vida ao que tocam, sem prejuízo de inverter o procedimento quando seu tema é vivo. Constituíram legião e estão suficientemente esquecidas: fato que me induziu a recolher essas desfalecidas flores retóricas. Aproveitei a primeira compilação, a de Snorri Sturluson – famoso como historiador, arqueólogo, construtor de umas termas, genealogista, presidente de uma assembléia, poeta, duplo traidor, decapitado e fantasma.² Empreendeu-a nos anos de 1230, com finalidades preceptivas. Queria satisfazer duas paixões de ordem diversa: a moderação e o culto dos antepassados. Gostava das *kenningar*, sempre que não fossem muito intrincadas e que as confirmasse um exemplo clássico. Transcrevo sua declaração preliminar: "*Esta explicação se dirige aos principiantes que desejam adquirir destreza poética e melhorar sua provisão de figuras com metáforas tradicionais, ou aos que procuram a virtude de entender o que foi escrito com mistério. Convém respeitar essas histórias que bastaram aos antepassados, mas convém que os homens cristãos lhes retirem sua fé*". A sete séculos de distância a discriminação não é inútil: há tradutores alemães desse indolente *Gradus ad Parnassum* boreal que o propõem como *Ersatz* da Bíblia e juram ser n uso repetido de casos noruegueses o instrumento mais eficaz para alemanizar a Alemanha. O doutor Karl Konrad – autor de uma versão mutiladíssima do tratado de Snorri e de um folheto pessoal de 52 "extratos dominicais" que constituem outras tantas "devoções germânicas", muito corrigidas numa segunda edição – talvez seja o exemplo mais lúgubre.

² Dura palavra é *traidor*. Sturluson era – talvez – um mero fanático disponível, homem dilacerado até o escândalo por sucessivas e contrárias lealdades. Na ordem intelectual, sei de dois exemplos: o de Francisco Luis Bernárdez e o meu.

O tratado de Snorri se intitula *Edda Prosaica*. Consta de duas partes em prosa e uma terceira em verso – a que inspirou sem dúvida o epíteto. A segunda narra a aventura de Aegir ou Hler, versadíssimo em artes de feitiçaria, que visitou os deuses na fortaleza de Asgard, chamada Tróia pelos mortais. Perto do anoitecer, Odin mandou trazer umas espadas de tão polido aço que não se precisava de outra luz. Hler tornou-se amigo de seu vizinho, o deus Bragi, exercitado na eloquência e na métrica. Um enorme corno de hidromel passava de mão em mão, e falaram de poesia o homem e o deus. Este foi dizendo as metáforas que se devem empregar. Esse catálogo divino está me assessorando agora.

No índice, não excluo as *kenningar* que já havia registrado. Ao compila-lo, conheci um prazer quase filatélico.

casa dos pássaros	
casa dos ventos	o ar
flechas de mar: os arenques	
porco do marulho: a baleia	
árvore de assento: o banco	
bosque da queixada: a barba	
assembléia de espadas	
tempestade de espadas	
encontro das fontes	
vôo de lanças	
canção de lanças	a batalha
festa de águias	
chuva dos escudos vermelhos	
festa de vikings	
força do arco	
perna da omoplata	o braço
cisne sangrento	
galo dos mortos	o abutre
sacudidor do freio: o cavalo	
poste do elmo	
penhasco dos ombros	a cabeça
castelo do corpo	
forja do canto: a cabeça do <i>skald</i>	
onda do chifre	
maré do copo	a cerveja
elmo do ar	
terra das estrelas do céu	
caminho da lua	o céu

chávena dos ventos	
maçã do peito dura bolota do pensamento	o coração
gaivota do ódio gaivota das feridas cavalo da bruxa primo do corvo ⁵⁴	o corvo
terra da espada lua da nave lua dos piratas teto do combate grande nuvem do combate	o escudo
gelo da luta vara da ira fogo de elmos dragão da espada roedor de elmos a espinha da batalha peixe da batalha remo do sangue lobo das feridas ramo das feridas riscos das palavras: os dentes	a espada
granizo das cordas dos arcos gansos da batalha	as flechas
sol das casas perdição das árvores lobo dos templos	o fogo
delícia dos corvos avermelhador do bico do corvo alegrador da águia árvore do elmo árvore da espada tingidor de espadas	o guerreiro
ogro do elmo querido alimentador dos lobos	a acha

⁵⁴ *Definitum in definitione ingredi non debet*: O definido não deve entrar na definição, [N. da T.] é a segunda regra menor da definição. Infrações engraçadas como esta (e aquela que vem abaixo, *dragão da espada: a espada*) lembram o artifício daquele personagem de Poe que, na ânsia de esconder uma carta a curiosidade policial, exhibe a com descuido numa carteira.

negro orvalho do lar: a fuligem.	
árvore de lobos cavalo de madeira	a força ⁵⁵
orvalho da dor: as lágrimas	
dragão dos cadáveres serpente do escudo	a lança
espada da boca remo da boca	a língua
assento do nebri país dos anéis de ouro	a mão
teto da baleia terra do cisne caminho das velas campo do viking prado da gaivota corrente das ilhas	o mar
árvore dos corvos aveia das águias trigo dos lobos	o morto
lobo das marés cavalo do pirata rena dos reis do mar patim de viking garanhão da onda carro arador do mar falcão da margem	a nave
pedras do rosto luas da fronte	os olhos
fogo do mar leito da serpente resplendor da mão bronze das discórdias	o ouro
repouso das lanças: a paz	
casa do alento	

⁵⁵ 4 *Ir em cavalo de madeira ao inferno*, leio no capítulo 22 da *Inlinga Saga*. *Viúva, balanço, borneio e finibusterre* foram os nomes da força na gíria; moldura (picture frame), o que lhe deram antigamente os marginais de Nova York.

nave do coração base da alma assento das gargalhadas	o peito
neve da bolsa gelo dos crisóis orvalho da balança	a prata
senhor de anéis distribuidor de tesouros distribuidor de espadas	o rei
sangue dos penhascos terra das redes	o rio
riacho dos lobos maré da matança orvalho do morto suor da guerra cerveja dos corvos água da espada onda da espada	o sangue
ferreiro das canções: o <i>skald</i>	
irmã da luas ⁵⁶ fogo do ar	o sol
mar dos animais piso das tormentas cavalo da neblina	a terra
crescimento de homens animação das cobras	o verão
irmão do fogo dano dos bosques lobo dos cordames	o vento

Omito as de segundo grau, as obtidas por combinação de um termo simples com uma *kenning* – por exemplo, a água da vara das feridas, o sangue; *o que farta as gaivotas do ódio*, o guerreiro; *o trigo dos cisnes de corpo vermelho*, o cadáver – e as de motivo mitológico: *a perdição dos anões*, o sol; *o filho de nove mães*, o deus Heimdall. Omito também as ocasionais: *o suporte do fogo do mar*,

⁵⁶ Os idiomas germânicos que têm gênero gramatical dizem *a sol* e *o lua*. Segundo Lugones (*El Imperio Jesuítico*, 1904), a cosmogonia das tribos guaranis considerava a lua macho e o sol fêmea. A antiga cosmogonia do Japão registra também uma deusa do sol e um deus da lua.

uma mulher com um berloque de ouro qualquer.⁵⁷ Das de maior potência, que operam a fusão arbitrária dos enigmas, indicarei só uma: *os que detestam a neve do posto do falcão*. O posto do falcão é a mão; a neve da mão é a prata; os que detestam a prata são os homens que a afastam de si, os reis dadivosos. O método, o leitor já terá notado, é o tradicional dos esmoladores: o louvor da vagarosa generosidade que se trata de estimular. Daí os vários apelidos da prata e do ouro, daí as ávidas menções ao rei: *senhor de anéis, distribuidor de riquezas, custódia de riquezas*. Daí também sinceras conversações como esta, do norueguês Eyvind Skaldaspillir:

*Quero construir um louvor
Estável e firme como uma ponte de pedra.
Penso que não é avaro nosso rei
Dos carvões acesos do cotovelo.*

Essa identificação entre ouro e chama – perigo e resplendor – não deixa de ser eficaz. O metódico Snorri a esclarece: "*Dizemos bem que o ouro é fogo dos braços ou das pernas, porque sua cor é o vermelho, mas os nomes da prata são gelo ou neve ou pedra de granizo ou escarcha, porque sua cor é o branco*". E depois: "*Quando os deuses retribuíram a visita de Aegir, este os hospedou em sua casa (que fica no mar) e os iluminou com lâminas de ouro, que davam luz como as espadas no Walhalla. Desde esse momento, ao ouro chamaram fogo do mar e de todas as águas e dos rios*". Moedas de ouro, anéis, escudos cravejados, espadas e machados eram a recompensa do *skald*; raríssimas vezes, terras e navas.

Minha relação de *kennningar* não é completa. Os cantores tinham o pudor da repetição literal e preferiam esgotar as variantes. Basta verificar as que o item *nave* registra – e as que uma evidente permuta, o sutil trabalho do esquecimento ou da arte, pode multiplicar. São também abundantes as de *guerreiro*. *Árvore da espada* chamou-o um *skald*, talvez porque *árvore e vencedor* fossem palavras homônimas. Outro O chamou *carvalho da lança*; outro, *bastão do ouro*; outro, *espantoso pinheiro das tempestades de ferro*; outro, *bosque dos peixes da batalha*. Vez que outra a variação acatou uma lei: demonstra-o uma passagem de Markus, na qual um barco parece agigantar-se com a proximidade.

*O terrível javali da inundação
Saltou sobre os tetos da baleia.
O urso do dilúvio fatigou
O antigo caminho dos veleiros
O touro do marulho quebrou
A corrente que amarra nosso castelo.*

O culteranismo é um delírio da mente acadêmica; o estilo codificado por Snorri é a exasperação e quase a *reductio ad absurdum* de uma preferência comum a toda a literatura germânica: a das palavras compostas. Os monumentos mais antigos dessa literatura são os anglo-saxões. No Beowulf – que é dos anos 700 –, o mar é o caminho das velas, o caminho do cisne, a poncheira das ondas,

⁵⁷ 6 Se as informações de De Quincey não me enganam (Writings, tomo XI, página 269), o modo incidental dessa última é o da perversa Cassandra, no sombrio poema de Licofronte.

a banheira do pelicano, a rota da baleia; o sol é a candeia do mundo, a alegria do céu, a pedra preciosa do céu; a harpa é a madeira do júbilo; a espada é o resíduo dos martelos, o companheiro de luta, a luz da batalha; a batalha é o jogo das espadas, o aguaceiro de ferro; a nave é a cruzadora do mar; o dragão, a ameaça do anoitecer, o guardião do tesouro; o corpo é a morada dos ossos; a rainha é a tecelã da paz; o rei é o senhor dos anéis, o áureo amigo dos homens, o chefe de homens, o distribuidor de riquezas. Também as naves da *Ilíada* são cruzadoras do mar – quase transatlânticas –, e o rei, rei de homens. Nas hagiografias oitocentistas, o mar é também a banheira do peixe, o caminho das focas, o tanque da baleia, o reino da baleia; o sol é a candeia dos homens, a candeia do dia; os olhos são as jóias do rosto; a nave é o cavalo das ondas, o cavalo do mar; o lobo é o morador dos bosques; a batalha é o jogo dos escudos, o vôo das lanças; a lança é a serpente da guerra; Deus é a alegria dos guerreiros. No Bestiário, a baleia é o guardião do oceano. Na balada de Brunaburh – já novecentista –, a batalha é o trato das lanças, o trapejar das bandeiras, a comunhão das espadas, o encontro de homens. Os *skald* manejam precisamente essas mesmas figuras; sua inovação foi a ordem torrencial em que as esbanjaram e o fato de combiná-las entre si como bases de símbolos mais complexos. É de presumir que o tempo colaborou. Só quando *lua de viking* foi uma equivalência imediata de escudo, pôde o poeta formular a equação *serpente da lua dos vikings*. Esse momento teve lugar na Islândia, não na Inglaterra. O prazer de compor palavras perdurou nas letras inglesas, mas de forma diversa. As *Odisséias* de Chapman (ano de 1614) estão repletas de estranhos exemplos. Alguns são belos (*delicious-fingered Morning, through-swum the waves*); outros, meramente visuais e tipográficos (*Soou as the white-and-red-mixed-fingered Dame*); outros, curiosamente canhestros, *the circularly-witted queen*. A tais aventuras podem levar o sangue germânico e a leitura grega. Cabe citar também certo germanizador total do inglês, que num *Word-Book of the English Tongue* propôs as emendas: *lichrest* por cemitério, *red-craft* por lógica, *fourwinkled* por quadrangular, *outganger* por emigrante, *fearnought* por bonito, *bit-vise* por gradualmente, *kinlore* por genealogia, *bask-jaw* por réplica, *wanhope* por desespero. A tais aventuras podem levar o inglês e um conhecimento nostálgico do alemão... Percorrer todo o índice das *kenningar* é expor-se à incômoda sensação de que muito raras vezes ocorreu tão pouco O mistério – e foi tão inadequado e verboso. Antes de condená-las, convém lembrar que sua transposição a um idioma que desconhece as palavras compostas tem que agravar sua inabilidade. *Espinha da batalha* ou ainda *espinha de batalha* ou *espinha militar* é uma perífrase deselegante; *Kampfdorn* ou *battle-thorn* o são menos.⁵⁸ Assim também, até que as exortações gramaticais de nosso Xul Solar não sejam obedecidas, versos como Ode Rudyard Kipling:

In the desert where the dung-fed camp-smoke curled

ou aquele outro de Yeats:

That dolphin-torn, that gong-tormented sea

serão inimitáveis e impensáveis em espanhol...

⁵⁸ Traduzir cada *kenning* por um substantivo espanhol com adjetivo especificador (*sol doméstico em lugar de sol de las casas, resplandor manual em vez de resplandor de la mano*) talvez tivesse sido o mais fiel, mas também o menos sensacional e o mais difícil – por falta de adjetivos.

Outras apologias não faltam. Uma evidente é que essas menções inexatas eram estudadas uma após a outra pelos aprendizes de *skald*, mas não eram propostas ao auditório desse modo esquemático, e sim entre a agitação dos versos. (Talvez a descarnada fórmula

água da espada = sangue

já seja uma traição.) Ignoramos suas leis: desconhecemos as precisas objeções que um juiz de *kenningar* faria a uma boa metáfora de Lugones. Restam-nos apenas algumas palavras. Impossível saber com que inflexão de voz eram ditas, com que expressões faciais, individuais como uma música, com que admirável decisão ou modéstia. O certo é que exerceram um dia sua função de assombrar e que sua gigantesca inépcia cativou os ruivos varões dos desertos vulcânicos e dos fjords, assim como a profunda cerveja e os duelos de garanhões.⁵⁹⁸ Não é impossível que uma misteriosa alegria as produzisse. Sua própria rusticidade – peixes da batalha: espadas – pode responder a um antigo *humour*, a zombarias de homenzarrões setentrionais. Assim, nessa metáfora selvagem que tornei a destacar, os guerreiros e a batalha se fundem num plano invisível, onde se agitam as espadas orgânicas, e mordem e molestam. Essa imaginação também aparece na Saga de Njal, em uma de cujas páginas está escrito: "*As espadas saltaram das bainhas, e machados e lanças voaram pelo ar e aram. As armas os perseguiram com tal ardor que pareceram proteger-se com os escudos, mas novamente muitos foram feridos e um homem morreu em cada nave*". Este signo foi visto nas embarcações do apóstata Brodir, antes da batalha que o derrotou.

Na noite 743 do Livro das Mil e Uma Noites, leio esta advertência: "Não digamos que morreu feliz o rei que deixa um herdeiro como este: o comedido, o agraciado, o ímpar, o leão dilacerador e a clara lua". O símile, talvez contemporâneo dos germânicos, não vale muito mais, porém a raiz é diferente. O homem semelhante à luz, o homem semelhante à fera, não são o resultado discutível de um processo mental: são a verdade correta e momentânea de duas intuições. As *kenningar* ficam em sofismas, em exercícios enganadores e lânguidos. Cabe aqui certa memorável exceção, um verso que reflita o incêndio de uma cidade, o fogo delicado e terrível:

Ardem os homens; agora se enfurece a Jóia.

Uma justificativa final. O signo perna da omoplata é estranho, mas não é menos estranho do que o braço do homem. Concebê-lo como simples perna que é projetada pelas cavas dos coletes e se desfia em cinco dedos de doloroso comprimento é intuir sua estranheza fundamental. As *kenningar* impõem-nos esse espanto, distanciam-nos do mundo. Podem motivar essa lúcida perplexidade que é a única honra da metafísica, sua recompensa e sua fonte.

⁵⁹⁸ 8 Falo de um esporte especial dessa ilha de lava e gelo duro: a luta de garanhões. Enlouquecidos pelas éguas no cio e pelo clamor dos homens, os garanhões lutavam a cruentas dentadas – algumas vezes mortais. São numerosas as alusões a esse jogo. Diz o historiador, sobre um capitão que se bateu com denodo diante de sua dama, que como esse potro não iria lutar bem se a égua estava olhando para ele.

Buenos Aires, 1933.

Post-Scriptum. Morris, o minucioso e forte poeta inglês, intercalou muitas *kenningar* em sua última epopéia, *Sigurd the Volsung*. Transcrevo algumas, desconheço se adaptadas ou pessoais ou dos dois tipos. Chama da guerra, a bandeira; maré da matança, vento da guerra, o ataque; mundo de penhascos, a montanha; bosque da guerra, bosque de lanças, bosque da batalha, o exército; tecido da espada, a morte; perdição de Fafnir, tição da batalha; ira de Sigfrid, sua espada.

"*Pai do perfume, ó jasmim!*", apregoam os vendedores no Cairo. Mauthner observa que os árabes costumam derivar suas figuras da relação pai-filho. Assim: pai da manhã, o galo; pai da pilhagem, o lobo; filho do arco, a flecha; pai dos passos, uma montanha. Outro exemplo dessa preocupação: no Alcorão, a prova mais comum da existência de Deus é o espanto de que o homem seja gerado *por certas gotas de água vil*.

Sabe-se que os nomes primitivos do tanque foram *landship*, *landcruiser*, barco de terra, couraçado de terra. Mais tarde chamaram-no tanque para despistar. A *kenning* original era evidente demais. Outra *kenning* é leitão comprido, o eufemismo guloso dado pelos canibais ao prato fundamental de sua dieta. O ultraísta morto cujo fantasma continua sempre a me habitar aprecia esses jogos. Dedico-os a uma clara companheira: a Norah Lange, cujo sangue talvez os reconheça.

Post-Scriptum de 1962. Escrevi, certa ocasião, repetindo a outros, que a aliteração e a metáfora eram os elementos fundamentais do antigo verso germânico. Dois anos dedicados ao estudo dos textos anglo-saxônios me levam, hoje, a modificar essa afirmação.

Das aliterações, entendo que eram antes um meio que um fim. Seu objetivo era marcar as palavras que deviam ser acentuadas. Prova disso é que as vogais, que eram abertas, quer dizer, muito diferentes uma da outra, aliteravam entre si. Outra é que os textos antigos não registram aliterações exageradas, do tipo *afair field full of folk*, que data do século XIV.

Quanto à metáfora como elemento indispensável ao verso, entendo que a pompa e a gravidade existentes nas palavras compostas eram o que agradava e que as *kenningar*, de início, não foram metafóricas. Assim, os dois versos iniciais do *Beowulf* incluem três *kenningar* (dinamarqueses de lança, dias de antanho ou dias de anos, reis do povo), que certamente não são metáforas, e é preciso chegar ao décimo verso para deparar com uma expressão como *hronrad* (rota da baleia, o mar). A metáfora não teria sido, portanto, o fundamental e sim, como a comparação ulterior, uma descoberta tardia das literaturas.

*

Entre os livros que mais serviços me prestaram, devo mencionar os seguintes:

The Prose Edda, by Snorri Sturlusson. Translated by Arthur Gilchrist Brodeur. New York, 1929.

Die Jangere Edda mit dem sogenannten ersten grammatischen Traktat. Uebertragen von Gustav Neckel und Felix Niedner. Jena, 1925.

Die Edda. Uebersetzt von Hugo Gering. Leipzig, 1892.

Eddalieder, mit Grammatik, Uebersetzung und Erläuterungen. Von Dr. Wilhelm Ranisch. Leipzig, 1920.

Völsunga Saga, with certain songs from the Elder Edda. Translated by Eiríkr Magnússon and William Morris. London, 1870.

The Story of Burnt Njal. From the Icelandic of the Njals Saga, by George Webbe Dasent. Edinburgh, 1861.

The Grettir Saga. Translated by G. Ainslie Hight. London, 1913.

Die Geschichte von Goden Snorri. Uebertragen von Felix Niedner. Jena, 1920.
Islands Kultur zur Wikingerzeit, von Felix Niedner. Jena, 1920.

Anglo-Saxon Poetry. Selected and translated by R. K. Gordon. London, 1931.

The Deeds of Beowulf. Done into modern prose by John Earle. Oxford, 1892.